

aproximando da defesa da luta armada, e Oficina, que se ligou à contracultura. O autor recupera uma documentação pouco conhecida que contém as análises e discussões da política cultural dos comunistas, discussão efetuada pelos intelectuais e dirigentes do PCB quando da preparação do VII congresso do partido. Para os anos 70, compara a concepção de prática cultural do PCB com a dos militantes progressistas da Igreja Católica. Conclui o texto com uma breve análise da política cultural da ditadura militar e da formação da indústria

cultural no Brasil (= fusão de capital e cultura). Aponta como tais transformações permitiram às classes dominantes cooptar intelectuais, teatrólogos e romancistas que, até a década de 1960, faziam uma arte crítica e politicamente engajada.

A *História do marxismo no Brasil* é um material rico e indispensável para os estudiosos do marxismo e da história política e intelectual do Brasil do século XX. Esperamos que os organizadores da coleção consigam, nos próximos volumes, manter o alto nível de qualidade do material publicado até aqui.

## Isabel Maria Loureiro e Ricardo Musse (orgs.)

*Capítulos do marxismo ocidental*, Editora Unesp/Fapesp, 1998.  
Patrizia Piozzi (Professora da Faculdade de Educação, Unicamp)

Os 11 ensaios reunidos nesta coletânea não constituem apenas uma exposição detalhada de obras heterodoxas no interior do marxismo contemporâneo. Trazem à tona temas e problemas vitais para a redefinição de seu estatuto enquanto teoria revolucionária e instrumento de compreensão do presente histórico.

Como fica explícito na introdução dos organizadores, Isabel Maria Loureiro e Ricardo Musse, os textos convergem no esforço de desvendar a trama onde as diferentes experiências pessoais, enfoques teóricos e opções temáticas dos autores tratados articulam-se numa mesma totalidade de pensamento, o marxismo ocidental. A reconstituição dos

nexos entre os vários fragmentos em foco tem seu ponto de partida na polêmica com o diagnóstico de Perry Anderson, segundo o qual as gerações de intelectuais aglutinadas sob essa sigla rompem a unidade entre teoria e prática, desfigurando o caráter transformador inerente ao ideário marxista e reduzindo-o a mero assunto acadêmico. Em contraste, na perspectiva assumida por este volume, os expoentes do movimento divergente, optando por navegar no único espaço livre para a emergência da dimensão “negativa” do pensar num universo onde a prática das classes sociais se faz sob o signo da reificação, recolhem a tradição original do materialismo dialético, desenvolvendo e atualizando a crítica formulada primeiramente por Lukács às

teses evolucionistas e à estratégia reformadora da linhagem ortodoxa.

Ao longo do “breve século XX”, marcado pela trágica derrota das esperanças revolucionárias no período entre guerras e, após 45, pela definitiva integração dos partidos operários ocidentais ao modelo democrático burguês e pela consolidação do domínio burocrático no Leste, a extraordinária atividade teórica dos dissidentes “acadêmicos”, empenhada em “criticar impiedosamente toda teoria e prática legitimadoras do capitalismo tardio, como também do estalinismo”, constitui, na avaliação de Musse e Loureiro, a única atitude conseqüente para adeptos do materialismo histórico.

Buscando identificar os traços homogêneos nos diferentes trajetos pessoais e nas diversidades, ou mesmo divergências, de pontos de vistas reconstituídos nestes “capítulos”, o leitor pode distinguir dois campos de reflexão que definem a militância intelectual dos autores em exame. Por um lado, a redescoberta da filosofia enquanto força crítica e subversiva, em oposição à técnica e à ciência, degradadas, na sociedade contemporânea, a funções sancionadoras do sistema; por outro lado, o esforço em construir uma “análise materialista da cultura”, desvelando os mecanismos cada vez mais sofisticados de domínio espiritual nas sociedades contemporâneas e procurando a emergência da perspectiva transformadora não mais só na prática política das classes sociais, mas no âmbito das criações culturais.

Em torno destes dois eixos, os textos tecem as conexões entre os autores examinados. Ricardo Musse mapeia as ponderações de Korsch, Merleau-Ponty,

Marcuse e outros, sobre a relação entre teoria e prática, visualizando, no contraponto entre Lukács e Adorno, um caminho de investigação que, partindo da unidade indissolúvel entre esses dois pólos, chega a estabelecer o primado da “teoria crítica” para a compreensão de um universo totalmente reificado.

O tratamento deste vínculo problemático é central, também, na penetrante e apaixonada reconstrução que Isabel Maria Loureiro faz da trajetória intelectual de Marcuse, desde o período inicial, caracterizado pelo reencontro com a fenomenologia, até a redescoberta dos escritos juvenis de Marx e as obras que marcam o renascimento da utopia na junção entre marxismo e psicanálise. Em todas essas fases, Loureiro sinaliza a força emancipadora atribuída pelo “mais otimista dos frankfurtianos” ao pensamento filosófico, plano em que os anseios da humanidade por um mundo mais justo e feliz se articulam em conceitos universais.

A ponte estabelecida com correntes do pensamento contemporâneo e com as raízes filosóficas do marxismo se evidencia, também, na influência exercida pela teoria weberiana sobre o grupo de Frankfurt, e na leitura anti-hegeliana que Althusser fez da obra de Marx, tratados respectivamente por Fernando Haddad e J. V. Teixeira da Mata. Este último assinala a tensão irresolvida entre contingência e necessidade históricas, que, no entender de Althusser, ligaria o ideário marxiano ao de Heidegger, Espinoza, Maquiavel — uma senda de pensadores voltados a negar as “construções necessárias e eternas com um fim imanente ou exterior”. Dessa maneira, introduz uma problemática que também merece a atenção de Haroldo Santiago e

Leda Paulani, em seus textos sobre a exegese da obra marxiana, levada a cabo por Giannotti e Rui Fausto em interlocução com outras linhas do pensamento filosófico.

Ao revisitar o ensaio onde Benjamin identifica, em Fuchs, Mehring e Plekhanov o ponto de partida de uma tradição materialista no âmbito da história da cultura, Ernâni Chaves abre o debate sobre outro aspecto nuclear do movimento heterodoxo – a atividade crítica incidente sobre a “estrutura espiritual” da sociedade burguesa. Alguns momentos cruciais no estabelecimento de tal tradição são evocados nos artigos de C. E. Jordão Machado, Iná Camargo Costa, M. Elisa Cevasco e Francisco Alambert, voltados a resgatar “vidas e obras” destacadas deste terreno.

O papel da criação artística no desvelamento dos aspectos desumanizantes e totalitários inscritos no mundo contemporâneo está presente na análise de Machado sobre as relações entre a arte de vanguarda e a utopia social de Bloch, e na de Camargo Costa sobre o teatro de Brecht. Numa vibrante e polêmica refutação das investidas de Adorno contra o caráter engajado do drama brechtiano, Camargo Costa identifica nele uma linguagem estética renovadora e extremamente lúcida e eficaz no desvendamento dos nexos entre as políticas autoritárias e a sociedade mercantil.

Finalmente, Cevasco e Alambert assinalam, nos trabalhos pioneiros de Raymond Williams e de Antonio Candido e Roberto Schwarz, a importância dos “tópicos” britânico e brasileiro do marxismo ocidental na inauguração de uma abordagem materialista da cultura. No Brasil, a trilha aberta por Candido marca a superação da dicotomia entre as

análises formalistas e estruturalistas e aquelas “sociologizantes”, captando, na obra literária, a unidade indissolúvel entre forma estética e crítica social. Na Grã-Bretanha, Williams torna-se um dos mais prestigiosos expoentes de uma estirpe de pesquisadores responsáveis pela inovação dos estudos acadêmicos ingleses no campo da história social e cultural. Delineando as várias faces da eclética obra deste “grande intelectual socialista”, Cevasco destaca a perspectiva transformadora que anima sua militância no campo da educação e da cultura, por ele considerado, na esteira de Gramsci, um lugar privilegiado para a disputa da “hegemonia”.

Ao examinar alguns dos fragmentos que compõem a mesma “totalidade”, essa coletânea constitui um estudo pioneiro no Brasil, contribuindo para divulgar um arcabouço teórico fundamental não só na renovação e atualização do ideário marxista, mas, também, na crítica às formas de domínio espiritual geradas pelo capitalismo tardio. A reconstrução dos nexos comuns se faz sem obscurecer as diferenças profundas entre os autores em foco, traçando uma vereda onde se cruzam os caminhos da esperança e do pessimismo, da utopia e do desencanto em torno das possibilidades de transformação radical. Neste alternar-se de luzes e de sombras, o legado do marxismo ocidental evidencia-se no esforço de restaurar a força negadora presente no marxismo clássico, voltando-se a examinar o processo que reduz o pensar e o agir humanos à sua dimensão positiva, degradando-os a veículos de reiteração do mesmo.

Enfim, cabe lembrar que este volume não constitui apenas um relevante subsídio acadêmico para o estudo de uma

parcela do pensamento social-contemporâneo. Ao tomar partido na polêmica suscitada pela obra de Anderson, o texto introdutório torna explícito o caráter “engajado” dos estudos: parte do próprio objeto que se propõem a explicar, podem ser lidos como mais um capítulo do marxismo ocidental, escrito com a finalidade específica de divulgar e explicitar aspectos de um ideário ainda atual e capaz de dar conta do presente histórico. A adesão ao objeto de estudo configura um aspecto marcante, e sujeito a polêmica, desta coletânea. Por um lado, ao apresentar a corrente aí pesquisada como sendo a detentora da única crítica consistente ao capitalismo tardio e ao estalinismo, deixa na sombra não só a contribuição de outras linhagens intelectuais que, em interlocução com o marxismo, fazem incidir sua reflexão sobre as formas de domínio contemporâneas, mas, também, descarta como irrelevantes as análises teóricas produzidas por outros movimentos heterodoxos que insistiram em permanecer na luta política apesar da conjuntura adversa. Por outro lado, essa postura radical atenua-se à medida que os ensaios vão mostrando seja a dívida

do marxismo ocidental para com outras correntes do pensamento, seja o alternar-se da descrença e da esperança, do engajamento e do distanciamento nos diferentes enfoques da relação entre teoria e prática.

Tal alternância expressa-se de forma exemplar no percurso intelectual de Marcuse, o frankfurtiano que nunca deixou de associar a eficácia dos mecanismos de controle do espírito ao seu lastro material — a integração das grandes massas aos mercados de trabalho e consumo capitalistas. Numa apreciação similar, Isabel Maria Loureiro — em seu comentário à entrevista-testamento de Marcuse a Habermas —, interroga-se sobre as possibilidades de estabilização do capitalismo numa conjuntura como a atual, em que este se mantém pela exclusão violenta da maioria pobre do planeta. Esta questão sintetiza lapidarmente a problemática central posta por estes “capítulos do marxismo ocidental”, ao investigar as condições materiais e espirituais para a emergência de uma perspectiva política concreta capaz de superar o universo reificado e erguer uma convivência humana radicalmente diferente.

## Michael Klare

*Rogue States and nuclear outlaws (America's search for a new foreign policy)*, Nova York, Hill and Wang, 1996.

João Roberto Martins Filho (Professor de Ciência Política, Universidade Federal de São Carlos)

Dois fatos recentes tornaram ainda mais atual este livro de Michael Klare, especialista em estratégia e professor de Paz e Segurança Mundial no Hampshire College, Estados Unidos, que desde o anos 70

escreve sobre a política de defesa norte-americana. O primeiro foram os ataques que o presidente Clinton ordenou contra as cidades iraquianas de Bagdá, Basra e Tikrit, no dia 16 de dezembro passado, nas

PIOZZI, Patrizia. Resenha de: LOUREIRO, Isabel Maria; MUSSE, Ricardo (orgs.). Capítulos do marxismo ocidental. São Paulo: Ed. Unesp/Fapesp, 1998. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.8, 1999, p.151-154.

***Palavras-chave:*** Marxismo ocidental; Teoria revolucionária; Teoria marxista.